

**UM EXEMPLO DE COMO ENSINAR
LÍNGUA ESTRANGEIRA(LE) E REFLETIR
SOBRE O GOLPE DE 64¹**

FERREIRA, Camilla dos Santos²

¹ Agradeço à professora Márcia Paraquett (UFF) pela leitura atenta.

² Aluna do Mestrado em Lingüística Aplicada da Universidade Federal Fluminense.

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo fazer algumas considerações acerca da utilização da charge na aula de língua estrangeira (LE), na tentativa de mostrar que esse tipo de texto pode contribuir não só na aquisição na LE, mas também no estudo da cultura e da história tanto brasileiras quanto estrangeiras. A charge se caracteriza pela predominância do icônico sobre o verbal e é o fruto da necessidade do chargista de comentar algum aspecto da sociedade a que pertence. O humor possibilita a representação de conteúdos bastante complexos de maneira leve e agradável, levando o leitor a uma reflexão acerca do mundo em que vive. No entanto, a charge, quando empregada pelos professores, é normalmente subutilizada, pois seu uso costuma se restringir à exploração de características superficiais, situadas apenas no plano lingüístico, não abrangendo, portanto, seu principal objetivo: fazer uma crítica a alguma característica ou acontecimento da sociedade da qual emana. Propomos, através da análise de uma charge, uma sugestão de modelo de micro-projeto que, de acordo com as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), particularmente quando se referem à Interdisciplinaridade, aos Temas Transversais e à Pluralidade Cultural, busca dialogar com a Língua Portuguesa, a partir do estudo das relações polissêmicas, antonímicas, paronímicas e metonímicas existentes na charge, e com a História, ao abordar o período da ditadura militar e os acontecimentos de maio de 68 na França, procurando relacioná-los aos conteúdos representados no desenho. Nosso objetivo, contudo, não é o de apresentar uma proposta já pronta, mas sim o de contribuir na construção de outros projetos.

PALAVRAS-CHAVE: Humor, História, Língua Estrangeira.

ABSTRACT: This article aims to present aspects of using newspaper cartoons in the Foreign Language (FL) classroom. Cartoons can contribute not only to FL acquisition but also to knowledge acquisition of both Brazilian or foreign cultures and history. One of their features is the choice of pictorial elements over verbal structures. Cartoons represent the cartoonist's urge to comment a given aspect of the society to which he belongs. Humor enables the representation of quite complex subjects in a light and pleasant way, leading the reader to reflect upon the world in which he lives. However, cartoons are usually misused by teachers. Its main goal, i.e., criticizing a given aspect of society, is left aside. Teachers restrictly explore superficial features which may be found only in the linguistic level. The goal of this article is to provide a suggestion of a micro-project model, through the analysis of a cartoon, promoting a dialogue between the Portuguese Language and History, focusing on the period of Brazilian Military Dictatorship and the events which took place in May 1968 in France, relating these two historic events to the content of the cartoon. We seek orientation from the Brazilian National Curriculum Parameters (PCNs), specially concerning Interdisciplinarity, Transversal Themes and Cultural Plurality by means of a dialogue between these themes and the Portuguese Language, through the analysis of polyssemic, metonymic, homophonic and antonymic relationships between words in the cartoon. Nevertheless, our proposal is not to present a readily-available material, but to serve as a model for future original projects.

KEYWORDS: Humor, History, Foreign Language.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de mostrar que utilização da charge na aula de LE pode contribuir tanto para aquisição da LE quanto para o estudo da cultura e da história brasileiras e estrangeiras, propomos uma reflexão sobre esse tipo de texto. Nossa motivação reside no fato de que esse recurso, quando empregado por professores, é geralmente subutilizado, pois seu uso costuma se restringir à exploração de características situadas apenas no plano lingüístico, não abrangendo, portanto, o principal objetivo da charge: fazer uma crítica a algum aspecto ou acontecimento da sociedade da qual emana. Apresentamos sugestões para a confecção de um micro-projeto que, de acordo com as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), particularmente quando se referem à Interdisciplinaridade, aos Temas Transversais e à Pluralidade Cultural, busca dialogar com a História, abordando o período da ditadura militar e os acontecimentos de maio de 68 na França. Nosso objetivo, contudo, não é o de apresentar uma proposta já pronta, mas sim o de contribuir na construção de projetos.

O QUE É A CHARGE?

Na primeira página de alguns jornais diários ou, em outros, em seu interior, há, geralmente, um tipo de texto de natureza bastante diferente daqueles que ali se encontram: a charge. A presença do icônico é o principal elemento da charge, que se caracteriza pela referência a algum fato marcante da cena política, econômica ou social do momento. Deve-se notar que essa referência não representa, exatamente, a posição do jornal, mas a opinião do chargista que, apesar das pressões do editor, tenta marcar sua posição em relação ao assunto e permitir ao leitor uma leitura dos fatos a partir de uma posição mais recuada e crítica.

Ique e Aroeira³ afirmam que o processo de criação de uma charge começa com as notícias que aparecem diariamente nos jornais; "o jornal que entra por debaixo da porta" (IQUE

³ Chartistas, atualmente publicam no *Jornal do Brasil* e no jornal *O dia*, respectivamente.

& AROEIRA, 2001: 152) é o ponto de partida de ambos. Aroeira assinala que a charge é o fruto da necessidade de comentar um determinado assunto, seja com palavras ou com desenhos. Para o chargista, ela possui uma função reflexiva e atua de maneira catártica. “Ela brinca com a realidade difícil para que a gente a aceite, mas não no sentido de aceitar com resignação; não é essa a idéia da charge, pelo contrário, a charge é uma catarse”⁴.

Quanto à função do chargista, ele a compara à do bobo da corte. Exemplifica comentando um cartum em que o curinga, no momento em que ia ser guilhotinado diante dos reis e rainhas do baralho, afirma: ‘Finalmente vocês me levaram a sério!’. O tom descontraído da charge, por conseguinte, não deve ser entendido como ingênuo; graças a ele, o chargista consegue falar de conteúdos bastante espinhosos de maneira aparentemente despreziosa.

A charge é, portanto, uma manifestação individual que expressa a opinião de seu criador sobre um fato importante da cena cotidiana e leva o leitor a refletir sobre ele. Essa reflexão talvez aconteça mais facilmente com a charge do que com um artigo devido ao humor por ela produzido. Mas como encontrar humor na desgraça que circunda nossa própria realidade? Como poderia o humor ser o resultado de uma falha? Como poderíamos rir do ridículo dos personagens caricaturados em uma charge, se isso revela nosso próprio ridículo? Runge & Sword fazem uma análise da história em quadrinhos (HQ) humorística que pode ser aplicada à charge. Para eles, só é possível rirmos de coisas tão sérias porque a HQ humorística - no nosso caso, a charge - “atua como um espelho deformador que remete ao leitor uma imagem caricatural dele mesmo e de seu mundo: ele se reconhece, mas a fluidez do reflexo lhe traz a distância necessária para rir ou ao menos sorrir.”⁵ (RUNGE & SWORD, 1987: 08). Almeida, compartilhando a mesma opinião, afirma que “o humor resulta de um deslocamento, onde o sujeito abandona uma posição de envolvimento diante de uma determinada situação, em favor

⁴ Palestra proferida por Aroeira em 15 de dezembro de 2004, no Teatro Nelson Rodrigues.

⁵ Tradução nossa.

de um ponto de vista mais distanciado. A situação séria, dramática, passa a ser vista dentro de uma perspectiva mais abrangente” (ALMEIDA, 1999: 12).

Desta maneira, como afirma Almeida (1999), os leitores são capazes de rirem de si mesmos ao lerem uma HQ humorística – e uma charge –, pois se distanciam de si próprios e têm acesso à sua imagem social a partir de uma perspectiva recuada. É justamente por isso que esse tipo de texto desperta a consciência crítica dos leitores. E qual é a participação dos leitores nesse processo? Se nossa capacidade de análise crítica é despertada, isso significa que nós, leitores, não consumimos essas narrativas de maneira pacífica, sem que haja algum tipo de interação; ao contrário, elas incitam nossa participação.

A utilização do icônico favorece a participação do leitor na medida em que a posição adotada pelo autor com relação ao assunto não está dada; como há pouco ou mesmo nada verbalmente narrado, o leitor precisa produzir um sentido para o desenho e, em seguida, relacioná-lo ao que está acontecendo naquele momento. Mesmo que o leitor não consiga interpretar o que há de particular em uma determinada charge, ele poderá ao menos compreender o que ali há de geral. Isso acontece porque a construção do significado na charge se dá a partir de estereótipos – o político, o ladrão, o jogador de futebol, a ‘loira burra’ – aos quais podem ser associados determinados personagens de nossa sociedade. Nesse caso, a charge será lida como um cartum, ou seja, como se se referisse não a um momento específico, mas a situações ou personagens que existem como estereótipos no senso comum.

No entanto, para que possamos extrair algum tipo de significado tanto das charges como dos cartuns é preciso que estejamos iniciados à dinâmica que rege a leitura desses tipos de texto, é preciso que saibamos que o autor daquele desenho tem um objetivo específico; caso contrário, por que motivo procuraríamos extrair dali uma crítica à nossa sociedade?

Há, contudo, nesse ponto, um problema. As charges podem facilmente ser vistas por um número bastante expressivo de pessoas, ao menos nos centros urbanos. Quando figuram na primeira página, o leitor não precisa nem mesmo

adquirir o jornal, pois é comum encontrá-lo exposto na banca. Acrescente-se a isso o fato de sua estrutura facilitar a leitura: além de a decodificação do desenho ser muito mais rápida do que a da palavra, a charge se apresenta de uma só vez e como um todo - e não de maneira linear, como no texto escrito. A charge seria, portanto, um importante meio para que os leitores que se amontoam ao lado das bancas de jornal para ler as manchetes ou para os que compram o jornal e o folheiam a caminho do trabalho tivessem rapidamente acesso à informação - e à informação apresentada de maneira crítica. No entanto, cabe aqui a questão: nossos leitores estão preparados para interpretar esse tipo de texto? Acreditamos que para a maioria deles, e principalmente para aqueles oriundos das camadas mais populares, a resposta dificilmente será afirmativa.

Devemos aqui nos lembrar que a Escola não deve cumprir apenas o papel de proporcionar conhecimento ao aluno, mas, como afirmam Kleiman e Moraes (2000: 15), o de lhe fornecer os instrumentos necessários para compreender o mundo, pois sua função é "de caráter formativo, mais que informativo" (PARAQUETT, 2004: 195). Por isso, ela deve permitir ao aluno o acesso ao conhecimento de mundo e, ao mesmo tempo, suscitar nele novas formas de pensar e de agir que o levem a conhecer e interpretar criticamente a realidade que o circunda. Portanto, ela é o lugar ideal para se aprender a interpretar outros tipos de linguagens, como é o caso da charge.

O MICRO-PROJETO

Faremos aqui a análise de uma charge, atendo-nos não apenas ao que está sendo narrado em primeiro nível - ou seja, ao desenho -, mas levando também em conta as associações e referências intertextuais que podemos fazer a partir dela. Na análise do desenho e de seus subentendidos, enfocaremos, sobretudo, as relações que nele se estabelecem a partir da polissemia, da antonímia e da paronímia, dialogando com a Língua Portuguesa, bem como com a LE. Na análise das relações intertextuais procuraremos dialogar com a história: primeiramente, discutiremos a influência norte-

americana em nossa sociedade; em seguida, associaremos o tecido verbal da charge ao *slogan* "Brasil, ame-o ou deixe-o", veiculado durante a ditadura militar; finalmente, estabeleceremos um recorte intercultural, fazendo uma discussão acerca dos acontecimentos de maio de 68 na França.

Optamos, portanto, por partir de um micro para, em seguida, chegar a um macro. Tal escolha reflete uma posição política e procura conciliar nossas expectativas acerca do que seria uma escola mais justa e igualitária com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e com os PCN's. Para nós, aprender uma LE não é apenas conseguir decifrar e reproduzir as várias seqüências de palavras possíveis naquele idioma, mas passa também pela procura de uma melhor compreensão dos traços culturais comuns à(s) comunidade(s) que fala(m) aquela língua. No entanto, como tentar problematizar um mundo que está a milhas de distância com um aluno que é capaz de ler, mas não consegue interpretar a primeira página do jornal que fica pendurado na banca da esquina? Ou, pior ainda, que nem olha para essa capa, por pensar que não encontrará ali nenhum assunto de seu interesse, por achar que aquele jornal não lhe pertence, não pertence ao seu mundo?

Não vemos como essa empreitada poderia ter sucesso. Por isso, propomos iniciar uma abordagem em LE partindo de uma realidade da nossa sociedade que é, muitas vezes, estrangeira ao aluno. Se ele não perceber essa realidade como fazendo parte do seu universo, como poderá considerar uma realidade estrangeira como sendo também sua? Como querer que esse aluno reflita sobre a história da França e, a partir dela, reveja de maneira crítica suas próprias atitudes e as atitudes de sua comunidade, se não compreende nem mesmo sua história? A partir do momento em que ele perceber que a ditadura brasileira não é apenas uma página do livro de história, mas um momento da *sua* história e do *seu* presente, ele será capaz de compreender o que moveu, inicialmente, os estudantes franceses e, em seguida, os mais diversos segmentos dessa sociedade em maio de 68 e de considerar que a luta por aqueles ideais não é brasileira nem francesa, é universal.

ANÁLISE DA CHARGE

A charge que pretendemos analisar encontra-se publicada no artigo do professor André Valente (VALENTE, 2001:148), no qual ele faz uma seleção de ocorrências de homonímia, sinonímia, antonímia e paronímia em charges e cartuns retirados de jornais e revistas de grande circulação e situa a charge em questão entre os casos de paronímia. No entanto, acreditamos que, nessa charge, há também polissemia e, em menor escala, antonímia, aspectos que só se revelam se, ao invés de levar em conta apenas o que está verbalmente narrado, considerarmos também a participação do icônico. Valente cita como fonte da charge a revista *Bundas*, mas não especifica o número em que foi publicada.

Na charge, encontramos reproduzido o Palácio da Alvorada, sede administrativa do governo federal, em Brasília, cidade planejada para abrigar o governo e conhecida por sua organização e limpeza. Contudo, ela está representada de maneira oposta ao que se imagina: a fachada do Palácio da Alvorada se encontra repleta de sujeira. A relação antonímica que se estabelece entre a limpeza característica da cidade e a sujeira no meio da qual ela está representada leva o leitor a suspeitar que aqui não se trata de um prédio do governo cujos serviços de manutenção não estejam funcionando bem, mas sim do emprego polissêmico da palavra sujeira, que passa a ser sinônimo de trapaça, roubo, leviandade. Além disso, a sujeira que está representada na fachada do palácio não se refere ao prédio, que como sabemos é limpo, mas, por meio de um processo metonímico, passa a fazer referência àqueles que trabalham nele, nosso governante e os políticos que o assessoram.

Em frente ao desenho do Palácio da Alvorada, podemos observar uma placa, semelhante àquelas encontradas em frente aos prédios públicos, nas quais figuram informações sobre a sua inauguração e os políticos responsáveis por sua construção. No entanto, o que se pode ler é a frase: 'Lave-me or leave me'. Deve-se notar que a frase está escrita sobre a sujeira e não esculpida na placa. Atendo-nos somente à primeira oração, o fato de ser uma escritura feita sobre a sujeira nos faz lembrar

de uma brincadeira feita pelas crianças, que é a de escrever 'Lave-me' sobre carros ou outros objetos bastante sujos para que pareça que é um desejo do próprio objeto ser lavado. Mais uma vez, os dois sentidos da palavra sujeira e as referências que podemos fazer a partir desses sentidos se misturam.

Poderíamos afirmar que haveria ali a representação do próprio Palácio da Alvorada pedindo que fosse lavado. Mas essa referência não pode ser encarada no sentido denotativo. O anseio é por uma limpeza política, a lavagem é a da sujeira da corrupção e dos acordos escusos que ali acontecem, e o pedido é, na verdade, um grito de socorro. O desejo de lavagem expresso deve ser entendido, então, de maneira metafórica; temos mais uma vez a polissemia participando da construção do sentido na charge. Podemos ir ainda mais além se nos lembrarmos que esse prédio, como sede do *nosso* governo, é um patrimônio do *nosso país* e, portanto, também nos pertence. Sendo ele *nosso*, nós também seríamos responsáveis pela sujeira e, portanto, caberia também a nós lavá-lo.

A INFLUÊNCIA NORTE AMERICANA

A segunda oração da frase que aparece na charge em questão não está escrita na nossa língua, mas em uma LE usada como instrumento de dominação de uma nação que tenta manter a nós, assim como boa parte do globo terrestre, subjugados política, econômica, social e culturalmente. Os EUA se constituíram como superpotência durante as grandes guerras e consolidaram sua hegemonia com o final da guerra fria, em decorrência do declínio do projeto de socialismo soviético. Um dos aspectos que acentuaram a influência norte-americana sobre o Brasil foi a multiplicação da dívida externa durante o período da ditadura, quando o governo, para manter o espantoso crescimento do milagre econômico, recorreu a sucessivos empréstimos aos chamados países do primeiro mundo, dentre os quais se destacavam os EUA. Atualmente, nossa situação econômica pode variar sensivelmente, de acordo com os humores da bolsa de valores de Nova York; adotamos costumes e valores norte-americanos sem saber muito

bem por que motivo e sem adaptá-los à nossa realidade sócio-cultural; substituímos termos de nossa língua por palavras em inglês, que muitas vezes são utilizadas indiscriminadamente nas vitrines das lojas, nas publicidades, por nós mesmos. Talvez o uso de uma palavra em LE nessa charge possa nos levar a refletir sobre a assimetria existente nas nossas relações com os EUA e com outras nações economicamente poderosas, como, por exemplo, a França, ou sobre o tipo de relação que nações como a França mantêm com sua língua e sobre como lidam com a influência do inglês. O estrangeiro não pode ser visto como melhor (ou pior); compartilhar experiências, costumes e valores com outras pessoas e culturas é natural e inerente ao ser humano e às comunidades por eles formadas, mas essa troca não pode ser unilateral e deve acontecer a partir de uma via de mão dupla.

A DITADURA MILITAR

Se tomarmos as duas orações que compõem a frase – Lave-me or leave me – como um todo, perceberemos, primeiramente, que o autor brincou com a semelhança do núcleo de cada oração, articulando-as não apenas a partir do conectivo, mas também a partir da paronímia. Podemos igualmente analisá-las como uma referência ao *slogan* utilizado durante a ditadura militar, 'Brasil, ame-o ou deixe-o', criado durante o governo Médici para servir como peça de uma campanha de cunho ideológico em prol da ditadura. Tal campanha também obrigava os meios de comunicação a veicularem apenas notícias favoráveis ao regime e a transmitir a imagem de um país em pleno desenvolvimento; utilizava-se de façanhas esportivas para passar uma imagem de país vitorioso graças ao incentivo do governo; e implementou no currículo escolar a disciplina Moral e Cívica, destinada a ensinar aos alunos a admirarem e respeitarem o regime vigente. Somava-se a isso o fato de o país ter chegado, no governo Médici, ao apogeu do chamado milagre econômico, período de crescimento e modernização da economia em que o Brasil apresentou altas taxas de crescimento econômico e baixos índices de inflação. Mas, como nos mostra Napolitano (1998: 40-4) os projetos feitos pelo governo ou por ele incentivados

e a chegada de multinacionais ao país tinham um custo: arrocho salarial e aumento da dívida externa. Assim, os ricos ficavam cada vez mais ricos, a classe média conseguia empregos relativamente bem remunerados e, com isso, tinha acesso aos bens de consumo proporcionados pela industrialização, enquanto os pobres, cada vez mais pobres, davam duro trabalhando para ganhar cada vez menos.

Mas será que os brasileiros não percebiam isso? Alguns, como boa parte da classe média, beneficiada pelo milagre econômico, de fato, não. Outros, no entanto, não estavam nem um pouco satisfeitos com o regime, mas eram calados pelas duras medidas de repressão em vigor durante a ditadura, principalmente depois do Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, decretado durante o governo Costa e Silva, portanto, anterior ao período Médici. Esse ato, como afirma Paes (1995: 60) dava poderes ao presidente para fechar o congresso nacional por tempo indeterminado, suspender os direitos políticos dos parlamentares e suspender as garantias legais dos cidadãos. Assim, os deputados que desagradassem o governo poderiam ter seus mandatos cassados, e os civis poderiam, a qualquer momento, ter suas casas invadidas ou ser presos. Além disso, esse período foi conhecido pelo aumento do uso da violência, tanto na contenção das manifestações públicas que, na época, praticamente se extinguíram, como na prática de tortura aos presos políticos.

Deve-se ressaltar, contudo, que se por um lado a tentativa dos militares de silenciar os eram contra o governo teve um sucesso relativamente grande, por outro, não impediu que inúmeras pessoas continuassem lutando contra a ditadura. É claro que, depois do AI-5, o movimento de oposição se enfraqueceu bastante e não teve mais mesma proporção do que vinha ocorrendo ao longo do ano de 1968, antes de sua promulgação, quando a oposição à ditadura ocupou os pátios das fábricas em duas grandes greves operárias em Osasco (SP) e Contagem (MG) e também as ruas das grandes cidades. Nessa mesma época, a UNE, apesar de proibida, continuava a agir, organizando passeatas cada vez maiores que passaram a aglutinar, além dos estudantes, pessoas dos mais

variados tipos. O governo reprimia os manifestantes, o que causou vários incidentes, como o assassinato de um estudante secundarista no restaurante Calabouço e a sexta-feira sangrenta, mas o povo continuava nas ruas, como prova a Passeata dos Cem Mil, ocorrida no dia 26 de junho daquele ano, no Rio de Janeiro. Só mesmo uma medida como o AI-5, que tirava os direitos dos cidadãos e dava à polícia o poder de agir com violência e sem necessidade de se explicar, para conter as manifestações populares e fazer com que o Brasil, apesar do esforço daqueles que continuaram a fazer oposição à ditadura, tivesse que esperar mais de 10 anos para ver novamente as grandes manifestações populares.

OS ACONTECIMENTOS DE MAIO DE 68 NA FRANÇA

Mas essa euforia por mudanças era só dos brasileiros? Claro que não. Fomos influenciados por acontecimentos que ocorriam em todo o mundo, pois o ano de 1968 foi marcado por inúmeras manifestações caracterizadas por uma busca de maior liberdade, que tiveram como marco as manifestações de *Maió de 1968* na França. Estas, no entanto, longe de serem genuinamente francesas, tiveram forte influência da Revolução Cultural chinesa, desencadeada por Mao Tse-Tung, em 1966, mas tiveram também como herança a Revolução Cubana e a luta dos negros norte-americanos por direitos civis, entre outros. Portanto, ao escreverem sua história os chineses, americanos e cubanos ajudavam a escrever também a da França; juntamente com os franceses, eles participaram da escritura da nossa história; e nós, certamente, também nos juntamos a todos eles e fizemos parte da história de outros países.

Em 1968, a França, governada pelo general De Gaulle, comemora tranqüilamente o dia primeiro de maio. No entanto, no dia 2 os universitários da Universidade de Nanterre organizam uma jornada de protesto e são acompanhados pelos alunos da Sorbonne. No dia seguinte, a polícia reage. Após um fim de semana pacífico, os universitários fazem, na segunda-feira, uma manifestação com 49 mil pessoas e são duramente reprimidos. Apesar da repressão, eles promovem

outras manifestações ao longo da semana. No dia 10, a situação fica tensa e, no dia 11, conhecido como dia das barricadas, os estudantes são novamente reprimidos pela polícia e reagem. Dois dias depois, outros segmentos da sociedade aderem às manifestações nas ruas, incluindo políticos, intelectuais e lideranças sindicais. No dia 16, as fábricas da Renault entram em greve. Pouco mais de uma semana depois, já há mais de 9 milhões de trabalhadores em greve na França. O General De Gaulle anuncia, então, um referendo, após o qual abandonará o cargo, se os franceses assim o quiserem. Cinco dias depois, o ministro da Educação renuncia, e, no dia seguinte há uma passeata pela renúncia do general De Gaulle, após o que este dissolve a Assembléia Nacional, mas acaba renunciando à presidência quando é derrotado no referendo de abril de 69.

“O que começou como uma luta particular de reivindicações estudantis, por melhor qualidade de ensino, desaguou num movimento irresistível que questionou tudo: do princípio de autoridade ao estilo de vida, da semântica à indumentária, da economia à sexualidade” (O Globo 2000 nº 24 -1967/1968: 571).

Vê-se, depois dessa análise, que, se optarmos por utilizar a charge em sala de aula, poderemos praticar a LE e, ao mesmo, tempo, ajudar os alunos a conhecer e refletir sobre a história, tanto do seu quanto de outros países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos, com o que foi exposto aqui, ter conseguido argumentar em prol do uso da charge na aula de LE. Devemos ressaltar que não pretendemos afirmar com isso que as aulas devam se basear na análise de charges, mas que elas, assim como outros suportes, podem fazer parte de atividades que visem a uma reflexão sobre nossa sociedade – e sociedade aqui tem um sentido bastante amplo. Além disso, promover esse tipo de atividade não significa em nenhum momento não trabalhar com a LE propriamente dita. Ao contrário, o que se estará fazendo ali é justamente dar vida e movimento à língua artificial e estável que muitas vezes figura em nossos manuais. O enfoque gramatical e até mesmo gramatiqueiro

será substituído pelo uso da língua para comunicação de algo. O estudo da gramática não mais acontecerá de forma descontextualizada; ele será o resultado da necessidade real dos alunos, de compreenderem seja o texto de LE, seja a contribuição do professor, também em LE, seja a contribuição dos colegas, na medida do possível, feita igualmente em LE e, além disso, da necessidade deles próprios de se fazerem compreender em LE.

Não pretendemos com nossa análise dar uma receita, mas mostrar que esse tipo de texto abre um leque de possibilidades de interpretação e utilização em sala de aula bastante amplo. Contudo, a maneira como esse leque será aberto e os elementos que ficarão em relevo ficam a critério de cada professor, que conhece sua realidade e suas necessidades.

Um trabalho que de algum modo se inspire na análise que fizemos aqui pode tanto ser feito na aula de LE como se transformar em um projeto interdisciplinar. Pode se desenvolver em uma única aula ou ser um tema a ser desenvolvido em um período mais longo. É fundamental, contudo, que a informação não seja simplesmente jogada para os alunos, mas por eles construída com a ajuda do professor e através da consulta a outras fontes. Além disso, é interessante que os alunos tenham contato com suportes que dêem um outro tipo de tratamento à mesma temática e que, assim, possam reconhecer e comparar as informações que encontrarão nesses suportes com as que já possuem. Pode-se, por exemplo, trabalhar com os alunos, seja em sala de aula ou em atividades extraclasse, documentos sobre o ano de 1968 na França e no Brasil ou sobre a ditadura militar para, depois de feito esse trabalho, apresentar a charge e analisá-la junto com os alunos. O contrário também pode ser feito, ou seja, pode-se propor aos alunos uma atividade com a charge de maneira que, após a discussão, eles sejam incentivados a pesquisar sobre os assuntos ali abordados e a trazer suas descobertas para sala de aula.

Como já ressaltamos anteriormente, o trabalho que propomos aqui é meramente ilustrativo. Poderíamos ter escolhido outras charges, que nos levariam a outras análises e a diálogos com outras disciplinas. A escolha que fizemos deveu-se ao fato de considerarmos o período da ditadura e os

acontecimentos de maio de 68 na França relevantes na construção das identidades dos brasileiros e franceses, respectivamente. Nosso desejo foi o de apontar para um caminho que pode render muitos e bons frutos e que tem sido negligenciado na aula de LE: o uso da charge não só para trabalhar a língua, mas também para levar a nós, alunos e professores, a uma reflexão acerca do mundo em que vivemos, a uma crítica dessa realidade e, finalmente, ao desejo de construção de uma sociedade melhor e mais justa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando Afonso de. *Linguagem e humor : comicidade em Les Frustrés, de Claire Bretécher*. Niterói: EDUFF, 1999.

IQUE & AROEIRA. “O processo de criação das charges”(Mesa redonda). IN: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.

KLEIMAN, Angela B. & MORAES, Silvia E. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. São Paulo: Atual, 1998.

O Globo 2000, nº24 (1966-1968) –Caderno especial do Jornal O GLOBO sem data.

PAES, Maria Helena Simões. *Em nome da segurança nacional: do golpe de 64 ao início da abertura*. São Paulo: Atual, 1995.

PARAQUETT, Marcia. Uma integração interdisciplinar: artes plásticas e ensino de línguas estrangeiras. In: MOTA, K. e SCHEYERL, D. *Recortes Interculturais na Sala de Aula de Línguas Estrangeiras*. Salvador: EDUFBA, 2004.

RUNGE, A & SWORD, J. *La bande dessinée satirique dans la classe de Français Langue Étrangère*. Paris: CLE International, 1987

VALENTE, André. “Aspectos semânticos em charges e cartuns.” IN: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2001.